

Alimentação, agronegócio e pandemia: um debate para o tempo presente

Food, agribusiness and pandemic: a debate for the present time

Alimentación, agroindustria y pandemia: un debate para la actualidad

PANDEMIA E AGRONEGÓCIO: DOENÇAS INFECCIOSAS, CAPITALISMO E CIÊNCIAS. Wallace R. São Paulo: Editora Elefante; 2020. 608 p. ISBN: 978-65-87235-05-9.

doi: 10.1590/0102-311X00291620

O livro de Rob Wallace chega ao Brasil em meio à pandemia da COVID-19 e da crise ambiental enfrentada principalmente na Região Amazônica¹ e no Pantanal brasileiro. Os dois fenômenos têm em comum fortes laços com o agronegócio. A edição estadunidense intitulada *Big Farms Make Flu: Dispatches on Influenza, Agribusiness and the Nature of Science* foi publicada em 2016, já a edição brasileira², lançada no segundo semestre de 2020, conta com o acréscimo de dois textos sobre a pandemia da COVID-19; os demais textos foram escritos ao longo das duas últimas décadas. De acordo com autor, os artigos reunidos no livro foram pensados para leitores distintos: alguns para o público em geral, outros originados de palestras direcionadas para leitores especializados. Além do prefácio e da introdução, a obra conta com oito partes que englobam diferentes campos do conhecimento, um debate interdisciplinar que dialoga com a Biologia Evolutiva, Ecologia, Sociologia e Geografia Econômica.

Logo no início do livro, o autor apresenta argumentações que nortearão todo o trabalho: segundo ele, as grandes corporações do setor

de alimentos, as chamadas *Big Foods*, estabelecem uma aliança estratégica com o influenza, ou seja, são as principais responsáveis pelo vírus e, ao mesmo tempo, lucram com ele. O autor destaca que o agronegócio tem transferido suas empresas para o Sul global, para otimizar seus lucros, já que a região tem custo baixo da mão de obra de trabalho e dos preços das terras. Ele exemplifica, de forma clara, as estratégias corporativas do setor. “...o Grupo CP, da Tailândia, hoje o quarto maior produtor de aves do mundo, opera indústrias avícolas na Turquia, na China, na Malásia, na Indonésia e nos Estados Unidos. Possui fazendas de criação na Índia, na China, na Indonésia e no Vietnã” (p. 61). Com a estratégia de distribuição de plantas industriais ao redor do mundo, o surto pandêmico iniciado em uma fábrica pode ser lucrativo para as demais plantas: “Quando ocorreu um surto de gripe aviária em uma fazenda operada pelo Grupo CP na província de Heilongjiang, o Japão proibiu a importação de aves da China. As fábricas da CP na Tailândia conseguiram aproveitar a brecha e aumentaram as exportações para o Japão” (p. 61). Em outras palavras, a empresa lucrou com um surto que ela mesmo criou.

À primeira vista, o livro de Wallace poderia provocar tensões relacionadas à elevada quantidade de informações sobre a dinâmica do sistema agroalimentar e a consequente produção de crises pandêmicas. Na sociedade contemporânea, segundo Fischler³, vivenciamos um cenário de “*gastroanomia*”. O autor ressalta que recebemos um amplo conjunto de informações sobre



comida, essas “*ideologias alimentares*” são, na sua maior parte, contraditórias. Ou seja, a elevada quantidade de informação provoca, na maioria das pessoas, uma angústia de não saber o que comer nem qual orientação seguir. Os dados e teorias apresentados por Wallace, por um lado, são perturbadores, já que apresentam em detalhes a engrenagem do agronegócio mundial, por outro, é uma oportunidade de apresentar informações qualificadas para politizar a prática dos consumidores. Na visão de Portilho & Barbosa ⁴, esse processo de “*politização do consumo*” seria uma forma de o consumidor participar de um campo de disputas sobre o que é, de que modo a sociedade a produz e consome.

Estaríamos em um caldeirão de patógenos? Para Wallace, há fortes evidências de que a pecuária e a avicultura intensiva estão na origem de muitas pandemias. A dispersão para outros países ocorre devido ao alcance geográfico da cadeia de *commodities* do setor, que se espalha por todos os continentes. O autor utiliza a categoria “*doenças agrícolas*” para se referir a doenças que atingem animais e plantações industrializadas e geneticamente modificadas. Nesse cenário, os benefícios de curto prazo para a eficiência produtiva e distributiva do agronegócio surgem apenas por meio de uma série de subsídios e de altos custos para as populações locais e para o meio ambiente de forma geral.

Como possibilidade de saída, são propostas abordagens alternativas de “*agricultura de conservação*”. Essas abordagens sugerem menores custos de insumos mediante métodos de produção orgânicos e naturalmente renováveis. De certa forma, o livro propõe mudanças radicais no modelo de produção agrícola capitaneado pelo agronegócio, ao tratar a comida como fonte de nutrição, não como mercadoria. Nas palavras do autor, “*Há uma ampla capacidade de produção de alimentos, mesmo com uma população crescente, se tratarmos a comida como fonte de nutrição ecologicamente integrada e não apenas como mercadoria*” (p. 355). Tal cenário em que a solução da atual crise passa pela construção de uma sociabilidade que não mercantilize os bens da Natureza.

Uma das críticas possíveis ao trabalho de Wallace deve-se ao fato de o autor não deixar clara a definição de agronegócio. Em sua obra, o agronegócio aparece como um ator homogêneo, representado pelas *Big Foods*, as grandes corporações do setor alimentar. O agronegócio é um ator com múltiplas faces e distintos atores, ao longo da cadeia do sistema agroalimentar. O debate atual sobre agronegócio tem origem no conceito de agribusiness, proposto por Davis & Goldberg ⁵; a definição incorpora todas as operações de produção e de distribuição de suprimentos agrícolas, do armazenamento, do processamento e da distribuição dos produtos agrícolas e de itens produzidos a partir deles.

Na última parte do livro, Wallace faz questão de não desvincular o surgimento da COVID-19 de outras pandemias que sugeriram recentemente: a peste suína africana, os ebolas, a febre aftosa, a hepatite E, as variantes do influenza A, entre outras. Os surtos não seriam resultados de má sorte. De alguma forma, todos estariam ligados, direta e indiretamente, às transformações na produção ou no uso do solo associado à agricultura intensiva. Em suma: “*...tanto a pecuária quanto a agricultura impulsiona o desmatamento e os empreendimentos que aumentaram a taxa e o alcance taxonômico do transbordamento de patógenos: dos animais selvagens para os da pecuária e, destes, para os trabalhadores do setor*” (p. 527). Por meio do comércio global, as cepas desenvolvidas podem ser exportadas para todos os continentes.

Um dos aspectos centrais propostos na obra é a necessidade de repensar os custos do agronegócio, eles não estariam expressos nos relatórios contábeis das corporações multinacionais. “*O agronegócio emprega capital político para externalizar as consequências mais prejudiciais inerentes ao seu modelo de produção a consumidores, governos, produtores rurais, trabalhadores agrícolas, comunidades rurais...*” (p. 534). Além dos prejuízos fiscais e materiais, observa-se a redução da diversidade ambiental, a poluição, as perdas na autonomia de agricultores locais.

Para finalizar, a obra defende, claramente, que doenças infecciosas não dizem respeito ape-

nas ao próprio vírus, mas também ao contexto do qual ele emerge. Com uma visão otimista, o autor destaca que devemos adotar muitas das práticas cotidianas de povos indígenas e dos pequenos agricultores. Ele utiliza uma expressão zapatista que diz “*criarmos un mundo donde quepan muchos mundos*”. A única receita para enfrentar o futuro incerto seria a valorização de sistemas produtivos diversificados e sustentáveis.

Se, por um lado, o desmatamento e a expansão do agronegócio brasileiro avançam em direção à Amazônia, ao Pantanal e ao Cerrado, por outro, temos povos indígenas, comunidades remanescentes de quilombos, seringueiros, ribeirinhos, geraizeiros, ou seja, um conjunto amplo de povos que vivem em “*terras tradicionalmente ocupadas*”⁶, grupos que expressam uma diversidade de formas de existência coletiva e de relações com os recursos da Natureza extremamente equilibrada.

Daniel Coelho de Oliveira ¹

¹ Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Brasil.
daniel.oliveira@unimontes.br

Informação adicional

ORCID: Daniel Coelho de Oliveira (0000-0003-2565-6551).

1. Arruda D, Candido HG, Fonseca R. Amazon fires threaten Brazil's agribusiness. *Science* 2019; 365:1388.
2. Wallace R. Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciências. São Paulo: Editora Elefante; 2020.
3. Fischler C. El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Editorial Anagrama; 1995.
4. Portilho F, Barbosa L. A adesão à “causa” rural e da agricultura familiar por consumidores e seus movimentos organizados. In: Marques FC, Conterato MA, Schneider S, organizadores. Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 251-73.
5. Davis JH, Goldberg RA. A concept of agribusiness. Boston: Harvard University Graduate School of Business Administration; 1957.
6. Almeida AWB. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* 2004; 6:9-32.

Recebido em 07/Out/2020

Aprovado em 19/Out/2020